

Gravuras rupestres de Linhares

Ensaio interpretativo

POR

J. R. Santos Júnior

Prof. da Faculdade de Ciências
da Universidade do Porto

Rogério Azevedo

Prof. da Escola Superior
de Belas Artes do Porto

As gravuras rupestres constituem, como é bem sabido, abundante material arqueológico na metade norte de Portugal e, muito especialmente, a norte do Rio Douro.

São já numerosos os penedos com gravuras rupestres que se conhecem, sobretudo nas províncias do Minho e de Trás-os-Montes. O seu conjunto constitui até um importante capítulo da nossa arte rupestre (1). Esta abrange todas as manifestações artísticas realizadas sobre penhascos ou rochedos (do latim *rupes*) e compreende as esculturas, os baixo-relevos, gravuras e pinturas que o homem pré, ou proto-histórico executou nas pedras, nas

(1) De 1930 a 1935, um de nós (S. J.) percorreu montes e vales de Trás-os-Montes em explorações arqueológicas, tendo em vista especialmente o estudo de estações de arte rupestre.

Colhemos abundante material que se destinava a um *Corpus petrogliphorum trasmontanum*, grande publicação que projectávamos e para a qual tínhamos a promessa de substancial ajuda da parte da Junta da Educação Nacional, depois transformada em Instituto de Alta Cultura. Deste Instituto fomos bolseiro durante 7 anos, até sermos contratado professor extraordinário do grupo de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Aproveitamos este ensejo para testemunhar ao I. A. C. agradecimentos pelo auxílio que sempre nos prestou.

A nossa ida, em 1936 e 1937, a Moçambique, como chefe da Missão Antro-

paredes ou no tecto de grutas ou cavernas, nas paredes de simples abrigos ou palas, nos esteios ou coberturas de *dólmenes* ou antas, ou em simples rochedos, ao ar livre.

Precisamente na superfície destes rochedos ao ar livre, aparecem, com relativa frequência, ao menos em certas regiões, sulcos ou traços rectilíneos, arqueados ou ondulados; simples, paralelos ou entrecruzados; em xadrez ou escalariformes; covinhas, espirais, círculos concêntricos, etc., etc.

O número de estações deste tipo é já elevado. Na carta da fig. 25 que publicamos no nosso trabalho *Arte Rupestre* (1), estão indicadas 109.

Urge fazer-se tal inventariação. Chegam até nós informações de que, a cada passo, são destruídos penedos com gravuras rupestres. Esta destruição é feita quer pelos canteiros ou pedreiros quer pelos obstinados e loucos pesquisadores de tesouros.

Estamos certos de que o número de 109 estações, indicadas na referida carta, será largamente aumentado quando se puderem fazer pesquisas metódicas, tendo em vista o seu inventário.

Na série que publicamos no trabalho indicado, figura na pág. 862 e, com o número 83, a *Fraga das Ferraduras*,

pológica, levou-nos para novos campos de investigação em terras portuguesas do Ultramar e ficaram em suspenso, ou quase, os nossos estudos arqueológicos em Trás-os-Montes.

Em 1940, a quando da realização dos Congressos do Mundo Português, achamos oportuno dar a conhecer o que tínhamos conseguido reunir sobre arte rupestre, em alguns anos de pesquisas feitas nos períodos de férias. Assim nasceu o seguinte trabalho que apresentamos ao 1.º Congresso do Mundo Português, de que fomos o Secretário-Geral: Santos Júnior — *Arte Rupestre*, Congresso do Mundo Português, Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso), Lisboa, 1940, págs. 327 a 376, 26 figs.

(1) Santos Júnior — *Arte Rupestre*, cit. Est. XVII, fig. 25.

situada na freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Anciães. Dela nos havíamos ocupado (S. J.) em trabalho anterior (1) e agora constitui a base do presente trabalho de colaboração, em que avulta a tentativa da sua interpretação feita por um de nós (R. A.).

*

* *

Linhares (2) é uma freguesia do concelho de Carrazeda de Anciães, de cujo limite meridional participa.

As terras da freguesia estendem-se, uma parte ao longo do Rio Douro, na encosta pedregosa que lhe forma margem direita — é a *ladeira* — ; outra parte espraia-se pelo cimo da encosta, no planalto sobranceiro — é a *chá* — .

A leitura do trabalho — *Vestígios do regime agrário comunal* (3),

(1) Santos Júnior — *Gravuras Rupestres de Linhares — A Fraga das Ferraduras*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», fasc. II, vol. VI, Porto, 1933; págs. 141 a 148 e 4 figs.

(2) Linhares é terra de nobres tradições. Já no séc. VI era lugar importante. Linhares e Anciães são as primeiras terras do distrito de Bragança que têm foral, dado por D. Fernando I, *O Magno*, de Castela (1055-1065). Vd. *Portugalia Monumenta Historica*, «Leges et Consuetudines», pág. 343.

(3) P.^o Francisco Manuel Alves — *Vestígios do regime agrário comunal*, in «Ilustração Trasmontana», vol. III, Porto, 1910, págs. 137-142.

As *Memórias de Anciães*, por João Pinto de Moraes, Reitor de S. João Baptista, extramuros de Anciães, e António de Sousa Pinto, 1721 (manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, — *Relação de Vila Real*, Códice A-6-8, n.º 222) referem-se a esta mesma *Fraga das Ferraduras*, nos seguintes termos: — «Em o mesmo limite de Linhares está um sítio que chamam as ferraduras, cujo nome houve e conserva de uma grande pedra firme que nele está toda cheia destes sinais» (seguem-se no manuscrito os desenhos de quatro sinais em arco, como ferraduras de ramos longos e direitos, todas voltadas para baixo).

em que o ilustre Reitor de Baçal fala da *Fraga das Ferraduras, de Linhares*, ali nos levou (S. J.) em 1932, à cata da referida *fraga*.

Quem seguir pela estrada do Tua a Carrazeda de Anciães, depois de passar Castanheiro do Norte, chega, no alto, a S. Pedro, pequenina aldeia à borda da estrada. Metendo à direita, segue-se para Linhares, sede da freguesia. Sobranceiro, está um cabeço de encostas empinadas, no qual é tradição ter existido «na antiguidade, um castelo de mouros».

Trata-se, certamente, dum *castro*. Infelizmente não dispusemos de tempo para subir ao cabeço e certificarmo-nos se, de facto, se trata dum *castro*, o que aliás é mais que provável.

O caminho para a *Fraga das Ferraduras* parte de Linhares para sudoeste, vai direito às *presas*, passa pelo sítio do *penedo que bole* ⁽¹⁾ e, logo abaixo, a pouco mais duma centena de metros,

(1) Este *penedo que bole* é um penedo oscilante que fica rente ao caminho que conduz ao *sítio das Ferraduras*. É uma fraga de granito achatada, de contorno oblongo, a que qualquer pesquisador de tesouros quebrou uma das pontas.

Esta fraga ou penedo oscilante tinha de comprimento 4^m,60 por 2 metros de largura máxima, com a altura, no sítio mais grosso, de cerca de 1^m,10. Quem subir às pontas do penedo fá-lo-á oscilar ligeiramente. Tanto uma como outra das extremidades deste penedo oscilante estão polidas das brochas do calçado daqueles que por ali passam e pincham no lombo do bloco de granito para o fazer bulir. Daí o nome de *penedo que bole*.

A esta fraga oscilante se refere D. Cândida Florinda Ferreira, a pág. 77 do seu trabalho — *Carrazeda de Anciães, notas monográficas*, Lisboa, s. d.

São relativamente frequentes os penedos baloiçantes naquela zona granítica. Ainda no concelho de Carrazeda de Anciães, tenho conhecimento doutro na freguesia de Pombal. D. Cândida Florinda Ferreira não fala dele.

À amabilidade do Sr. P.^e José Augusto Tavares, que foi abade de Carviçais (Moncorvo) e apaixonado arqueólogo, devo não só o informe do penedo baloiçante de Pombal mas também dos seguintes: — no concelho de Freixo de Espada-à-Cinta um, entre Lagoaça e Bruçó, conhecido pelo nome de *penha abolida*; outro, cerca de 3 km a sul de Fornos, para as bordas do Douro; no

fica o *sítio das Ferraduras*, nome tirado da *Fraga das Ferraduras*, assim designada por muitos dos sinais nela gravados terem a forma de ferradura. A fraga é um pequeno bloco granítico que alinha na parede que veda, ao longo do caminho da ladeira, uma propriedade que pertencia a Zulmira Cricas.

A fraga é pequena, de dorso um tanto abaulado, e nela estão gravados 55 sinais e 2 covinhas (fig. 1). Destes 55 sinais, 37 ou 38 são em forma de «ferradura» e os restantes de feição nitidamente alfabética. Isto muito nos impressionou; tanto, que nos resolvemos (S. J.) a publicar uma nota sobre tão interessante estação da arte rupestre trasmontana. Nesse trabalho, apartamos 10 dos sinais que reputamos como símbolos alfabéticos ⁽¹⁾ e que agora reproduzimos na fig. 2.

concelho de Moncorvo, um, entre a Cardanha e a Junqueira e mais três na quinta das Peladinhas, perto das Olgas, termo dos Estevais.

Numa das minhas estadas em Chaves (S. J.) informaram-me da existência duma fraga bulideira, no alto do Tronco, à borda da estrada de Vinhais e a cerca de 10 km a nascente de Chaves.

Em Valpassos, logo às portas da povoação, há também um enorme penedo baloiçante. É um grande bloco esferoidal de granito, com os seus 3 metros de altura. Há poucos anos um pesquisador de tesouros, com um tiro de dinamite metido no alto do bloco, fez-lhe saltar uma grande lasca. A oscilação que se consegue, empurrando com força, é pouco aparente.

O meu guia procurou uma palha que colocou entre o penedo e um montículo de 2 ou 3 pedras acasteladas, de modo que a palha ficou um tanto flectida, com uma ponta de encontro ao penedo e outra especada na última pedra do montículo. Aplicando fortemente o ombro de encontro ao penedo e observando a palha, via-se variar o grau de flexão da mesma com as oscilações daquele enorme bloco de granito.

É, certamente, a este penedo oscilante que se refere a nota da pág. 401 de *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Lisboa, 1897.

(1) Santos Júnior — *Gravuras Rupestres de Linhares — A fraga das ferraduras*, cit., págs. 6 e 7.

A pág. 7 desse trabalho, escrevemos (S. J.): «Só novas descobertas permitirão dizer se a hipótese alfabética se confirma

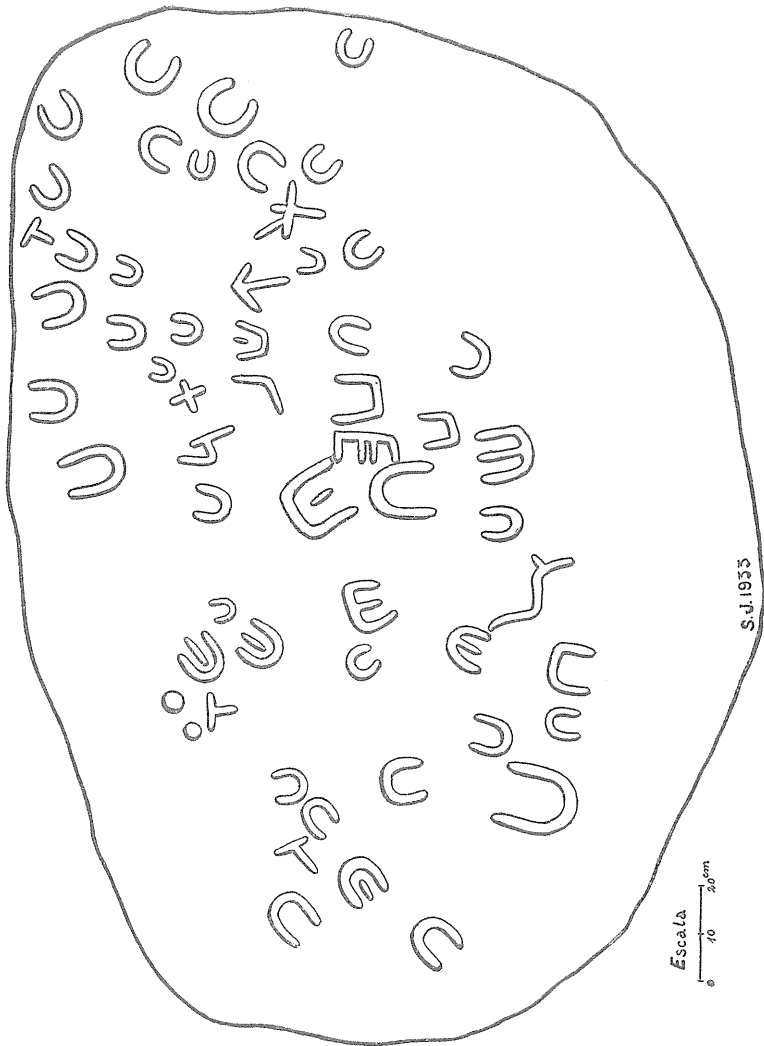


Fig. 1 — Sinais gravados na *Fraga das Ferraduras* de Linhares.

ou não» e acrescentávamos: — «É ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres».

Depois, a pág. 8, do mesmo trabalho, ao passar em revista as várias hipóteses respeitantes ao significado das estações rupestres, emitimos (S. J.) uma opinião que exprimimos assim: — «Ainda, dentro da significação simbólica, podem múltiplas estações de arte rupestre ser consideradas como lugares reservados ao culto, como verdadeiros santuários».

Graças ao estudo porfiado que um de nós (R. A.) vem fazendo, há anos, da filologia arcaica, parece confirmar-se a hipótese alfabetiforme dos sinais gravados na fraga das «ferraduras», de Linhares. Mais ainda: — a ser certa a interpretação que fazemos (R. A.) daqueles sinais e respectiva leitura, confirma-se também a hipótese de que aquele penedo de Linhares teria sido um lugar reservado ao culto, um verdadeiro santuário.

Mas, não antecipemos conclusões e passemos ao estudo interpretativo das gravuras insculpidas na «fraga das ferraduras», de Linhares.

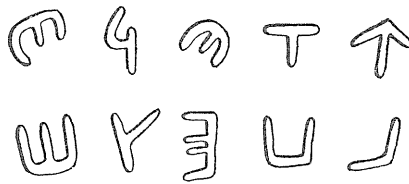


Fig. 2 — Sinais alfabetiformes da Fraga das Ferraduras de Linhares.

*

*

*

Vejamos agora aquilo que nos levou (R. A.) à leitura das siglas do penedo de Linhares e à conseqüente conclusão lógica de que tal documento rupestre constitui monumento notável, que bem merece, e quanto antes, ser considerado, se não monumento nacional, pelo menos imóvel de interesse público.

Ali se pode ler em escrita arcaica retrógrada, o nome de porco (ou de javali) escrito de várias formas, como se pode ver

na fig. 3 e, ainda, elementos anatómicos do mesmo animal, como $\text{C}\text{U}\ddagger\text{C}\text{U} = \text{ὄσάως}$, «orelhas de porco», correspondente à «orelheira». Neste étimo dá-se a curiosa circunstância de o alfa central arcaico, gravado em forma de cruz \ddagger , ter o respectivo acento, como se pode observar na gravura em que aparece todo o conjunto, figs. 1 e 3. Este facto repete-se noutra palavra gravada $\text{C}\text{U}\uparrow = \text{ῆβς}$ (ou ἐβς) «riqueza», com o acento na vogal média U . A inicial \uparrow , no alfabeto ibérico tanto pode representar H (η) ou E, como aparece em Alvão; como H (η), em Sierra de Gados, Almeria; como E, em Alcalá del Río e, em Penalva de Castro, também como E, e que na palavra representada no nosso trabalho tem a alternativa de poder ser ῆβς ou ἐβς .

Conforme bem mostra o desenho da fig. 3, e segundo a interpretação que damos (R. A.) dos «sinais» gravados na pedra em dialecto *eolo-dórico*, ali se pode ler várias vezes e singelamente: — *o porco* — e — *ó porco!* — ou frases, como estas: — *todos os porcos* — *orelhas de porco* (ou seja, *orelheira*) — *a ti porco qualquer!* — etc.

Se está certa a leitura que fazemos (R. A.), e disso estamos plenamente convencidos, é lógico considerar que aquela pedra das «ferraduras» de Linhares evidencia um local de consagração com afluência de crentes para o culto do porco.

*
* *
*

Não foi de ânimo leve, resultado de impulso apenas instintivo, que apresentamos a interpretação dos sinais da pedra de Linhares, conhecida pelo característico nome de «Fraga das Ferraduras».

Não que conhecêssemos (R. A.) ter havido, na região, especial culto ao porco, como, afinal, o atesta a notícia da existência

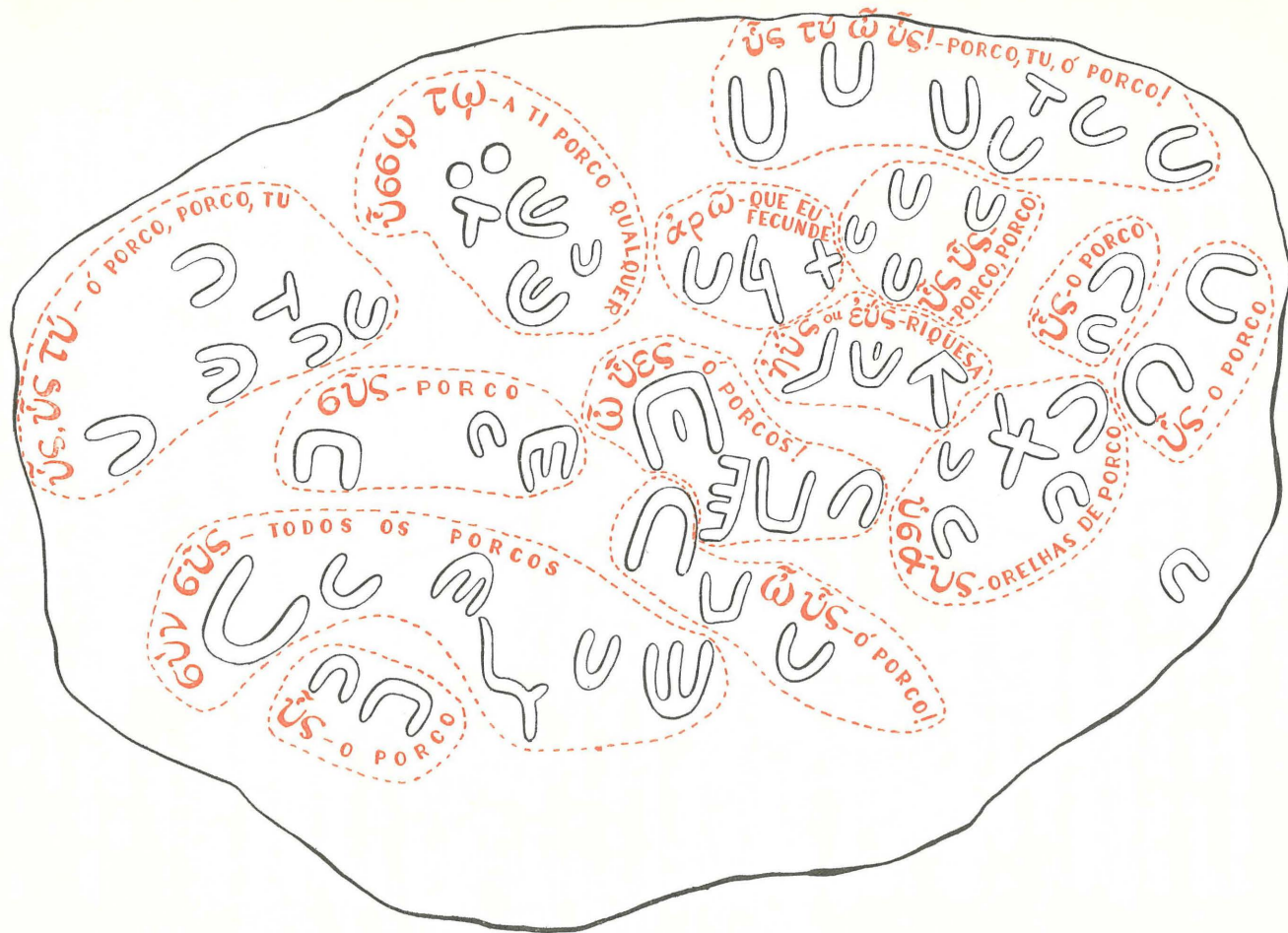


Fig. 3 — Sinais alfabéticos da *Fraga das ferraduras* de Linhares, sua interpretação e respectiva leitura.

de uma imagem porcina de que só posteriormente tivemos conhecimento. Não. A convicção nasceu por via de algum estudo a que nos temos dado acerca do *Onomástico Ibérico* cujos resultados saíram já a público num trabalho algo desenvolvido ⁽¹⁾, como «tentativa etimológica».

A fraga de Linhares tem bastantes sinais gravados em forma de «ferradura» e, tantos, que deram, afinal, à pedra o nome por que é conhecida, como se viu já.

Ora há muitas mais fragas com as tais «ferraduras», empregando este pitoresco designativo, conforme se pode ver in *Arte Rupestre* ⁽²⁾ onde vêm citadas numa longa série. Dela evidenciamos: — a «Pedra escrita do Poço da Moura», na Vilariça, termo de Assares, Vila Flor; a «Fraga das Ferraduras», nas Chairas, Macedo de Cavaleiros; outra «Fraga das Ferraduras», no sítio do Valongo, entre Belver e Fonte Longa (Carrazeda de Anciães), bem como a do Murancho, termo de Parambos, no mesmo concelho de Carrazeda de Anciães. Que os nossos antepassados andassem a brincar, gravando pedras como entretenimento ocioso? Não é crível.

Já há muito havíamos deduzido (R. A.), pela análise arqueológica de muitos nomes, sobretudo de divindades saídas da polinomia da antiga linguagem ibérica, qual fosse o idioma usado pelos Lusitanos. Pela influência tartéssia, em cujo império notável entroncava o *Lusis*, um dos povos opostos do celta, o grego seria a língua usual, dividida porém nos seus dialectos conforme os povos que a utilizavam, espalhados pela Lusitânia, pela Bética e pela Tarraconense.

(1) Rogério Azevedo — *Onomástico Ibérico* — (*Tentativa etimológica*), Porto, 1958, 320 págs., 33 figs.

(2) Santos Júnior — «Comunicação ao I.º Congresso do Mundo Português», 1942, cit.

Muitos factos o atestam; muitas palavras «cristalizadas» têm as suas raízes helénicas, mergulhadas no *humus* ancestral primitivo e que, por semelhança com palavras posteriores do latim e do vernáculo, obtiveram transgressão semântica.

A palavra *Moira*, de grande difusão entre o povo, é atribuída à influência árabe mas, quanto a nós (R. A.), deve provir de maior antiguidade, isto é, do tempo em que ao *Lusis* foi atribuído o seu quinhão de terra na arrancada contra o celta.

Μοῖρα, além de ter o significado de «destino personificado», significa também a *parte*, a *porção*, o *lote de terra que cabe a cada um*. *Briga*, apendiculado ao nome de terras e que tem sido considerado como termo celta sem qualquer justificação ponderável, deve ser a adjectivação do termo trácio *βρία*, equivalente a *πόλις* com o significado de *cidade*, *conjunto de cidadãos*. À formação da cidade fazia-se pela reunião das tribos e nela, naturalmente, ficava existindo o santuário da divindade comum, sendo a palavra *Briga* assim adjectivada: *βρι(α)* — *ga* = *briga*. Este termo, portanto, longe de significar função bélica, acusava função religiosa, eminentemente pacífica.

A tauromaquia, tão espalhada no mundo ibérico, desde a Península até ao Ródano, tem equivalência na *taurokathapsia* cretense. Este nome, dado por *Evans*, para as sortes incruentas praticadas na Tessália, para as distinguir da cruenta *tauromaquia* moderna em que o touro é sacrificado, tem ainda restos «cristalizados» nas rijas *pegas* dos forcados ribatejanos. Ainda há pouco se praticava o *transcorno*, no salto à vara, restos evidentes do *transcorno* cretense.

Voltando ao assunto que por momentos abandonamos e para confirmação do exposto, citamos Martins Sarmiento que, na sua grande intuição, saída sem dúvida de demorada análise, havia deduzido que, pela fácil extensão do latim, na Lusitânia, a língua preexistente, antes da conquista romana, deveria ser afim.

Como sempre acontecia quando qualquer opinião não coincidia com a própria, Leite de Vasconcelos impugnou esta hipótese numa carta (1) infeliz dirigida àquele ilustre vimaranense que foi um dos que mais o ajudaram no começo dos seus trabalhos arqueológicos e que, bem o julgamos, era quem estava dentro da razão.

Da situação geográfica (ou, melhor, corográfica) destes gravados semelhantes a «ferraduras», no simples julgamento do povo, é lícito depreender, duma informação estrabónica (2), a sua origem dórica ou, mais propriamente, eolo-dórica, dado o facto de não só serem muito frequentes na região bem definida da bacia do Douro, como ainda, segundo a mesma informação, de os povos que ali viviam, usarem os costumes lacedemónios. Esta circunstância nunca foi suficientemente ponderada, supomos que por Estrabão falar muito de ouvido, a despeito de usarem outras afirmações deste autor para defesa de certas hipóteses, dadas como verdades insofismadas.


Veja-se, por exemplo, noutras regiões bem definidas também, outros sinais rupestres, tais como os círculos concêntricos simples e com radiais, uns e outros associados a gravuras com a aparência de «grades».

Se uns (círculos concêntricos simples) podem representar a αἰγίς — o «escudo de pele de cabra» ou a «tempestade» e que por etimologia popular deriva de αἴξ, «cabra», outros (círculos com




(1) *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*, pág. 85, carta 24, Ed. da «Sociedade Martins Sarmiento» no ano do centenário de L. de V. com notas de Mário Cardozo. A carta tem a data de 27/12/87.

(2) Estrabão — *Geografia*, liv. III, cap. III, pág. 128, ed. Müller. Este passo de Estrabão diz o seguinte: — «Os que habitam ao pé do rio Douro, vivem, dizem, à maneira dos Lacedemónios, untam o corpo com duas camadas de óleo ao calor de pedras aquecidas.

«ἐνίοις δὲ τῶν προσοικούντων τῷ Δουρίῳ ποταμῷ Λακωνικῶς διάγειν φασίν, ἀλειπτηρίοις χρωμένους δις καὶ πυρίαις ἐκ λίθων διαπύρων, etc.».

radiais) podem representar o sol Ἡλιος. As gravuras em forma de grade poderiam ser sinais embrionários da inicial H (η) numa forma primitiva e rude, como balbúcio de escrita , se não lhe atribuímos a feição de labirintos tão usados para distrair os espíritos malignos.

Outros ainda, gravados zoomórficos, representam nitidamente o touro, a cabra e outros animais, manifestações bem patentes de zoolatria. Estas zoomorfias, porém, são já representações de cultos cronologicamente mais adiantados. Os povos primitivos baseavam o culto nos espíritos apenas, sem forma concreta, portanto (1). Há quem admita, com alguma razão, que as características *covinhas* nada mais sejam do que lucernas votivas destinadas ao culto dos espíritos.

Um capitel de coluna de Cortijo del Ahorcado, perto de Baeza, bem como outro da mesma região apresentam o duplo machado nestas formas: ,  e  (2) representação muito possível do deus Pelásgico Ζεβς, representado pelo duplo machado, atributo do Zeus Cariano em Labranda, frequente em Micenas e Olímpia, equivalente ao martelo do deus Thor da mitologia escandinávica. Antes de darem aos seus deuses a forma humana, os gregos, como os povos asiáticos, praticaram a Litolatria adorando ainda os aerólitos e os betilos. Eros em Tespia, as Graças em Orcómeno, Apolo Agiano, em Ambrácia, etc., são figurados por pedras ou colunas (3).

A zoomorfia é uma fase anterior à antropomorfia. Da feição primitiva do culto dos espíritos passou-se à litolatria, depois à

(1) Vd. Foustel de Coulanges — *La Cité antique*, passim.

(2) Vd. *História de España*, de Ramon Menendez Pidal, 1954, pág. 416, com a reconstituição feita por Garcia y Bellido, págs. 417 e 420, artigo de Garcia y Bellido, *Arte ibérica*.

(3) Cf. Lenormant — *Argoi Lithoi et Betylia*, in *Saglio*.

polinomia abstracta e daqui à *zoomorfia*, passando desta à *antroporfia* de que a anterior é um simples aspecto da figuração ou representação concreta.

A mistura das duas formas — *polinómica* e *zoomórfica* — encontra-se, por exemplo, numa ara dedicada a Endovélico ⁽¹⁾ que numa das faces apresenta nitidamente um *javali* e na outra o nome do deus *Endovélico* que é o equivalente Lusitano do deus grego *Esculápio*.

Leite de Vasconcelos (*loc. cit.*) toma aqui este animal como oferta, sacrifício do porco à divindade. Para a sua afirmação apresentou o argumento de que os romanos sacrificavam à deusa *Tellus a porca praecidanea*. Isto não nos parece (R. A.) muito lógico; — porquanto *porca* é feminino de *porcus*, o porco doméstico, não o *aprinus porcus* ou javali, como lá está. A *porca praecidanea* (porca previamente imolada) está em oposição a *porca contracta*, que era a porca que se devia imolar quando a família não prestava honras fúnebres ao parente. Ora sendo o javali *aprinus porcus* o que está representado na ara talvez tivesse funções divinas.

*

* *

A pedra de Linhares, reatando novamente o assunto, onde foram gravados os «sinais cabalísticos», embora documento notável, não evidencia, com precisão, se se trata de porco doméstico se de javardo, incerteza esta que a escultura desaparecida eliminaria. Evidente é, porém, tratar-se duma escritura arcaica retrógrada acusando o eolo-dorismo com a substituição de U por Y.

É lógico considerar, todavia, que a pedra, evidenciando um local de consagração com afluência de crentes, como se nota nas diferentes maneiras da grafia, para o culto do *porco*, este seja o

(1) Leite de Vasconcelos — *Religiões da Lusitânia*, vol. 2.º, págs. 127-128.

doméstico, como se depreende das palavras ὅσους (orelhas de porco), e ἡύς, «riqueza»; ao contrário do *javali* que é destruição e se equiparava a Marte, o deus das sangueiras.

Dada a profusão das palavras e de frases que lemos (R. A.) no penedo de Linhares, é lógico admitir que se trate dum monumento votivo onde os crentes viriam, em grupos ou individualmente, trazer suas oferendas, ao mesmo tempo que gravavam no penedo — *ad perpetuam rei memoriam*, as frases que nele lemos (R. A.).

Nas palavras gravadas não há qualquer ordem. Parece que cada ofertante elegia o seu cantinho *ad hoc*, conforme a ocasião lhe desse melhor jeito. Esta mesma desordem se observa não só em muitos outros gravados, como na irregular difusão das célebres *covinhas*, que devem fundamentar-se nas mesmas razões.

É evidente a semelhança de alguns caracteres da pedra de Linhares com os da inscrição (1) de Lerilha (fig. 4). Podemos todavia acrescentar que são também idênticos aos de certas inscrições do Algarve e do Alentejo, como também a outras de Espanha.

Do mapa dos caracteres ibéricos por nós (R. A.) organizado extraímos o resumo comparativo que se junta (fig. 5). Sobre alguns deles vamos fazer breves considerações.

Assim, além de $\hat{\tau}$ que já atrás referi, como podendo representar H(η) e E, aparece ainda \downarrow que em Bensafrim tem o



Fig. 4 — Inscrição do castro de Lerilla (Espanha). Fragmento de placa de xisto, existente no Mus. Antrop. da Univ. do Porto.

(1) Vd. Santos Júnior — *Gravuras Rupestres de Linhares*, cit., pág. 6.

*
* *
*

Cumpra agora frisar que a análise dos sinais gravados na fraga das «ferraduras» de Linhares e sua interpretação como frases votivas de culto ao porco foram feitas por um de nós (R. A.) sem ter prévio conhecimento da existência, em Linhares, da «fonte do porco», na qual esteve a figura dum suíno de pedra mármore, segundo a relação de 1721 que adiante se transcreve.

É grande o número de estátuas de porcos que têm aparecido em Trás-os-Montes (fig. 6), entre as quais a célebre «porca de Murça» é, sem dúvida, o exemplar mais divulgado.

Estas estátuas porcinas são consideradas como demonstrativas um culto zoomórfico.

Os arqueólogos espanhóis chamam-lhes «berracos» e nós, portugueses, designamo-las pelo nome de «berrões».

Sobre os berrões trasmontanos, um de nós (S. J.) apresentou ao «Congresso Internacional de Arqueologia» realizado em Madrid (1957) um trabalho intitulado — *A Cultura dos berrões* — que, por circunstâncias várias, ainda não foi publicado. Sê-lo-á em próxima oportunidade. Pelo que respeita ao porco de mármore de Linhares, o «porco da fonte», a ele se referiu o Abade de Baçal, a pág. 544 do vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, onde transcreve, das *Memórias de Anciães*, dos Padres João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto (1), a seguinte passagem: —

«E indo da igreja de Linhares, concelho de Carrazeda de Anciães, que ora he matriz para o bairro, que chamam

(1) P.^o João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extramuros de Anciães e António de Sousa Pinto — *Memórias de Anciães*, 1721, Biblioteca Nacional de Lisboa, *Relação de Vila Real*, códice A-6-8, N.^o 222.

Sampayo, pela caza desta nobre família habitada nela perto da mesma igreja está huma fonte de cantaria à maneira de poço cuberta com arco de abobeda profundíssima, que apenas colhe a vista ver hum canto dela hum grande buraco, porque parece caber hum homem, e dali para baixo se vê por ele mais agora, em occasioens que se despeja e limpa, esta parte superficial para que se desce por huma bem feita escada de cantaria, com cordas huma grande altura, que tem a tradição tapar-se com uma grande lancha que faz solhado aquela parte superficial, para que caindo dentro alguma cousa se pudesse tirar.

Dentro desta parte superficial estava feita de pedra marmore a figura de hum porco de pé (donde esta fonte o nome de fonte do Porco) a qual alimpendosse ha vinte anos por o plebeo daquele lugar inadvertidamente foi tirada fora, e lhe quebraram a cabeça e a parte do corpo está por tapamento de um quintal que ficou de Domingos Monteiro Gomes daquele julgado da parte dele.»

Verifica-se, portanto, que existiu em Linhares um porco de pedra mármore na fonte a que deu o nome.

De onde teria vindo aquele porco?

Quem sabe se de ao pé da «fraga das ferraduras»...

Este facto é um elemento de valor a que se arrima a leitura dos alfabetiformes rupestres de Linhares feita por um de nós (R. A.). Arrimo tanto mais de apreciar quanto é certo que só tivemos conhecimento da sua existência depois da leitura daquelas gravuras rupestres. Esta leitura pode parecer ousada mas afigura-se-nos suficientemente alicerçada para garantir a interpretação lógica de que a «fraga das ferraduras» de Linhares teria sido um monumento votivo, onde os nossos bravos antepassados iriam prestar culto ao porco.

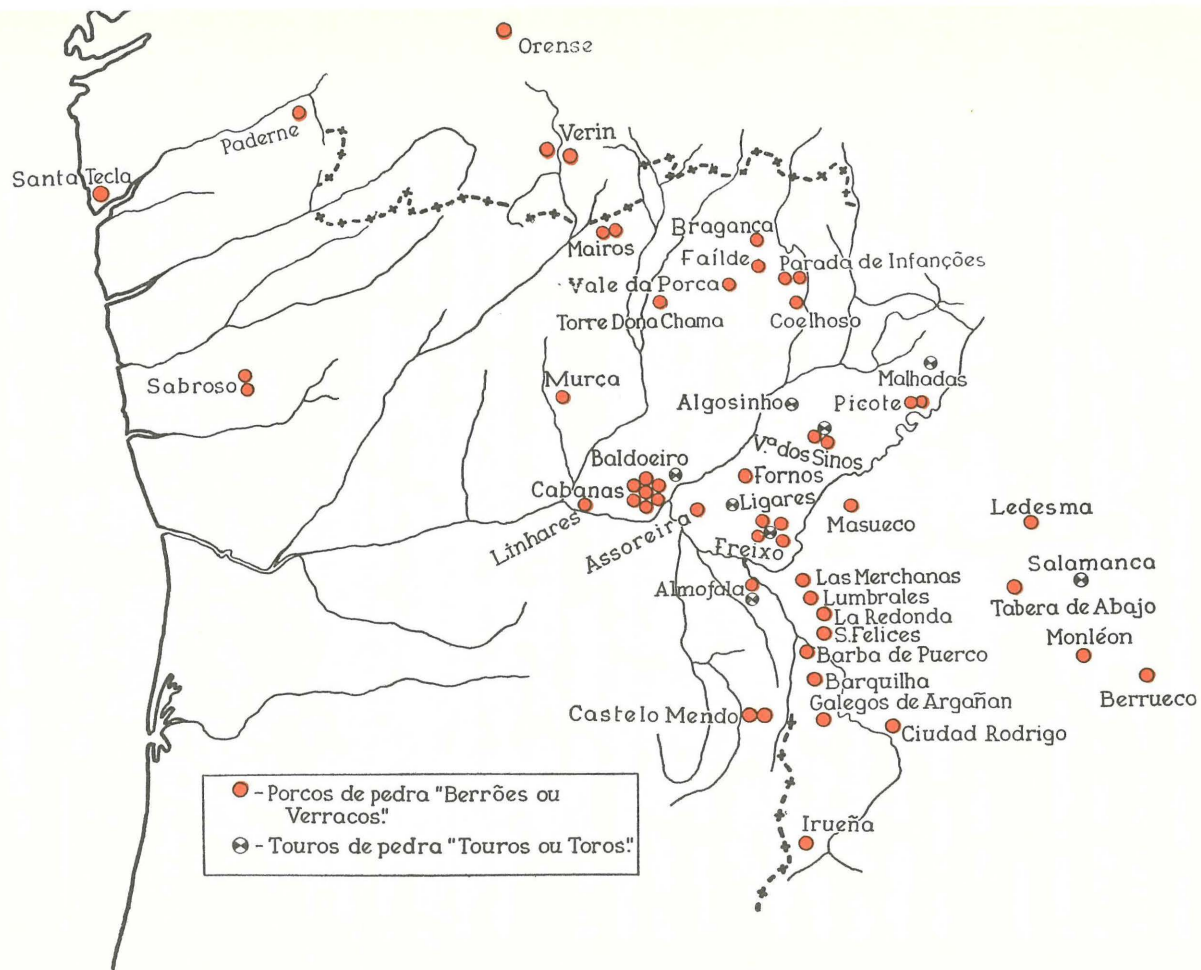


Fig. 6 — Distribuição dos achados de berrões e touros de pedra no norte de Portugal e regiões fronteiriças da Galiza e de Salamanca.

A veneração e adoração dos animais, das plantas e das fontes, muito naturalmente, começou por ser um acto de reconhecimento pelos benefícios recebidos, como para o inimigo havia o culto para a imunização dos malefícios. Era natural que o homem estimasse o animal que razões especiais tornavam prestimoso.

De resto, como escreveu o Reitor de Baçal ao abordar este mesmo tema, da estima do animal prestadio, sobretudo em espíritos materializados, fàcilmente se passa ao culto, à adoração, ao reconhecimento de predicados de *nume* tutelar, e acrescenta (1): «Os mais elevados em concepção espiritual para lá caminham, vendo nestas criaturas a providência do Criador».

Seguindo o insigne trasmontano que foi o Reitor de Baçal, diremos com ele: nada admira que um povo primitivo, que viveu na área trasmontana, prestasse culto ao porco, sem dúvida o animal mais prestadio da culinária trasmontana, a base sólida da sua economia doméstica.

A fraga das «ferraduras» de Linhares, a estar certa, como supomos, a leitura que fizemos (R. A.) dos seus alfabetiformes, é monumento arqueológico de grande interesse. É mais um documento a atestar não só a origem tartéssia dos Lusitanos como a chamada cultura dos «berrões» que teve larga difusão em terras de Trás-os-Montes, nos tempos pré-romanos.

(1) P.º Francisco Manuel Alves (Reitor de Baçal) — *Mem. Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. IX, cit., pág. 552.